

**42º Encontro Anual da Anpocs – Associação Nacional de Pós-Graduação
em Ciências Sociais**

SPG 31: “Pensar e fazer cidades” Expressões estéticas e políticas

**OA Capoeira Angola teresinense: legitimação e o valor ocupação de
espaço público.**

Childer Nataniel P. Silva¹

Celso de Brito²

20 de Setembro de 2018

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFPI

² Professor de Antropologia (UFPI)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de construção identitária de um coletivo de Capoeira Angola teresinense e a consequente busca de reconhecimento pelo seu líder. O campo no qual o grupo analisado está situado é formado por grupos de Capoeira que seguem duas tradições distintas: a Regional/Contemporânea e a Capoeira Angola de origem baiana³. A especificidade do processo aqui analisado é que o grupo em questão se situa "entre" as citadas tradições, ora se distanciando ora se aproximando de ambas em distintos contextos e situações. Dentre os valores ou "fundamentos" mobilizados pelo grupo com vistas à legitimação de sua prática, focaremos naquele associado à ocupação de "espaços públicos", especificamente ao Parque da cidade de Teresina. Durante estas ocupações emergem alianças e conflitos, fissões e fusões entre grupos que serão aqui entendidos como uma sociopolítica nativa. Para realizarmos esta análise, manteremos em mente a noção de "segmentaridade" entendida, por sua vez, como "arranjo relativo das alianças políticas de acordo com critérios genealógicos ou outros de distância social entre grupos em disputa" (GOLDMAN, 2001), assim como seguiremos o método etnográfico. A pesquisa ainda encontra-se em andamento, mas é possível afirmar que os novos valores inseridos à capoeira teresinense, notadamente aqueles sobre a ocupação de espaços públicos, refletem a realidade teresinense relativa à seletividade do "direito à cidade".

³ Tais diferenças correspondam a distinções daquilo que chamamos de "regimes de legitimidade", ou seja, um conjunto de valores que atestam legitimidade e produzem reconhecimento na comunidade capoeirística em questão).

Introdução

Para analisar o processo de formação de um coletivo de Capoeira Angola teresinense, nosso campo de trabalho se limita à análise das relações entre os capoeiristas da cidade de Teresina em encontros coordenados por Felipe Esdras⁴, no Parque da Cidade⁵, denominado de *Domingos de Angola*. Como veremos, trata-se de um coletivo que acabava de passar pelo que Araujo chamou de “conversão” da Capoeira Regional para Angola”, caracterizando-se com um “grupo emergente”.

Segundo estudos anteriormente realizados, os grupos das diferentes vertentes da Capoeira (Angola e Regional) constroem suas respectivas identidades segundo um processo contrastivo mediante a eleição de sinais diacríticos, chamados de “fundamentos da Capoeira” (BRITO, 2017). Tais sinais diacríticos definem as identidades ao mesmo tempo em que fornecem critérios para avaliação de legitimidade usados para atribuir reconhecimento aos capoeiristas inseridos nesse universo, cada qual em seu quadro de referência.

Todo o quadro pode ser entendido segundo um sistema genealógico e piramidal no qual a figura do mestre torna-se central como referência de legitimidade. Cada tradição tem seus fundamentos, assim como dentro de cada tradição, os mestres também tem seus próprios fundamentos. Assim, podemos dizer que a Capoeira é organizada segundo um “sistema de linhagem” muito próximo daquele desenvolvido por Evans-Pritchard (1978).

Dentro deste sistema, podemos dizer que, para cada vertente da Capoeira (regional e Angola) e seus respectivos conjuntos de “fundamentos”, existem diferentes critérios de avaliação de legitimidade e reconhecimento. Se por um lado, estes conjuntos de “fundamentos” nos permite entender as distintas identidades de distintas unidades sociais no universo da Capoeira e

⁴ Felipe Esdras faleceu durante o trabalho de campo, aos 26 anos de idade. A morte prematura de Felipe nos abalou profundamente, ocasionando dúvidas quanto ao sentido da pesquisa. Optamos contudo de escrevermos esta comunicação na tentativa de contribuir para o entendimento deste fenômeno novo na cidade de Teresina (a formação de uma Capoeira Angola local) e também aproveitamos o ensejo para tornar público o nosso pesar e nossa homenagem ao amigo Felipe Esdras.

⁵ Além desse espaço, Felipe também ocupou outros locais públicos para a difusão da Capoeira Angola teresinense como os Parques PotyCabana (2012) e da Cidadania (2017);

suas relações (de aproximação e distanciamento), por outro, eles também nos permitem entender o que chamaremos aqui de "regime de legitimação". Partimos, então, do pressuposto que os grupos de Capoeira em formação visam adquirir legitimidade adequando-se à uma ou outra vertente na qual pretende ser reconhecido (ou Angola ou Regional e ainda a tal ou qual mestre), e cada uma destas vertentes teria um "regime de legitimação" específico.

Este parecia ser o caso do coletivo teresinense aqui analisado, o *Domingos de Angola*. Entretanto, nos encontros do referido coletivo vimos reunião de representantes de todas essas vertentes de Capoeira presentes na cidade, todos interagindo e mantendo a afirmação de seus próprios fundamentos, negando, aparentemente, o princípio de contrastividade.

A princípio, o que se vislumbrava era um grande coletivo heterogêneo aparentemente sem fundamentos definidos, sem critérios de legitimação. Entretanto, com o passar das observações, percebemos que Felipe Esdras, o líder do coletivo *Domingos de Angola* era, ele próprio, o elo entre as distintas tradições, um camaleão ora atuando segundo critérios de legitimidade da tradição angoleira ora segundo critérios de legitimidade da tradição regional.

Felipe Esdras é um ex-capoeirista regional que fez a conversão para a Capoeira Angola, contudo, não aderiu ao "pacote completo" desta nova vertente, almejando construir uma vertente local da Capoeira Angola.

Entre outubro de 2017 e julho de 2018, muitos grupos mantinham relações diretas com Felipe e o *Domingos de Angola*: representantes de grupos da Capoeira Regional como Cordão de Ouro, Oscarpoeira, Gingado Brasileiro; assim como representantes dos grupos de Angola, núcleo Zimba-Teresina e Capoeira Angola Guariba, ambos conectados à tradição da Capoeira Angola baiana⁶.

A partir disso levantamos um problema que orienta o andamento e o desenvolvimento da presente pesquisa. 1° é possível entender o Domingos de Angola segundo o quadro teórico do "sistema de linhagem"? 2° em torno de

⁶ Como veremos adiante, essa informação é importante, uma vez que Felipe, mesmo no Piauí, um estado nordestino, buscava suas referências na Capoeira Angola em São Paulo e não na Bahia, hegemonicamente reconhecida como a meca da Capoeira.

quais "fundamentos" os grupos se aproximavam e se distanciavam do Domingos de Angola?

O artigo está organizado em 3 partes: 1. A conversão de Felipe Esdras da Capoeira Regional para a Capoeira Angola; 2. Os encontros que formaram o coletivo Domingos de Angola, e a centralidade do Parque da Cidade como espaço público ocupado pelos capoeiristas e 3. A descrição de dois eventos aglutinadores das distintas tradições de capoeira da cidade de Teresina em torno de Felipe Esdras.

Por fim, a título de considerações finais, sustentamos que o coletivo Domingos de Angola elegeu alguns fundamentos da Capoeira Angola, aqueles de menor potencial contrastivo em relação aos regionais, de modo a ser reconhecido entre os angoleiros sem ser oposto aos regionaleiros. Além disso, Felipe Esdras inovou fazendo da "ocupação de espaços públicos" um dos fundamentos do coletivo Domingos de Angola, ou seja, da Capoeira Angola Teresinense.

Da Regional á Capoeira Angola Teresinense

Felipe nos informou que teve sua primeira experiência com a Capoeira ainda na infância em um grupo de Capoeira Regional denominado Oscarpoeira cuja sede era o Parque da Cidade. Não havia grupos de Capoeira Angola na época e esta prática se resumia a um estereótipo folclorizado em situações esporádicas nos grupos de Regional da cidade, como uma "capoeira ancestral".

Com o decorrer do tempo Felipe, alterou seu estilo de jogo, seus movimentos e cantos, diminuiu o valor que atribuiu ao combate corporal e aumentou o seu apreço á musicalidade, mudou sua forma de se vestir, influenciado por vídeos sobre Capoeira Angola disponibilizados na *Internet*. Alguns destes fundamentos, contrastavam muito com os fundamentos do Grupo Oscarpoeira, por exemplo, Felipe passou a jogar Capoeira apenas calçado, usar calças sociais ao invés de calças brancas, não usar cordões (insígnia da hierarquia da Capoeira Regional), não usar uniforme.

Depois de algum tempo, Felipe foi afastado do Grupo, e passou a frequentar as rodas de rua em Teresina-PI e em Timon-MA (cidade vizinha separada da primeira pelo Rio Parnaíba). Para Felipe, sua transição da Capoeira Regional para a Capoeira Angola significou o abandono das academias, das escolas de Capoeira, uniformes, treinos e pagamento de mensalidades.

Aqui já se evidencia o papel do espaço público e da gratuidade para o coletivo Domingos de Angola que formará anos depois, pois ele acreditava que a Capoeira Angola deveria ser praticada apenas na rua.

Entretanto, como não havia nenhum *angoleiro* na cidade, a formação de Felipe seguiu através de informações veiculadas na internet, vídeos no *Youtube* e *Facebook* oriundos de diferentes grupos de Capoeira Angola espalhados pelo Brasil. A partir de determinado tempo, ele deixa de assistir o material de grupos aleatórios e se concentra no aprendizado de uma tradição específica, a do grupo de Capoeira Angola Senhor do Bonfim, de mestre Ananias, localizado na cidade de São Paulo.

O referido mestre deu início ao seu trabalho com a Capoeira Angola em São Paulo em um espaço público (Praça da República) e sempre contou com a presença de Capoeiras Regionais, essa eram duas características desta escola paulista que cativou Felipe Esdras.

Mestre Ananias passou a ser a referência de Felipe, mas ainda assim, não se tratava de uma referência legítima, mestre Ananias não havia reconhecido Felipe que por sua vez não havia sido aceito do Grupo Senhor do Bonfim. Mas os fundamentos de mestre Ananias eram visíveis na prática de Felipe: na sua vestimenta (chapéu, calça social, cinto, sapato, camisa por dentro da calça, não utilização de uniforme) o apreço pelas rodas de rua, pelo jogo rápido e por vezes agressivo, na forma de tocar o berimbau, bem como na própria forma de cantar (Felipe dava preferências às músicas gravadas pelo mestre Ananias em seus treinos).

Outro aspecto relevante dessa relação com a casa de mestre Ananias pode ser identificado nas viagens de Felipe. Após algum tempo Felipe começou a viajar para eventos de Capoeira Angola, sempre para regiões próximas, Maranhão, Ceará ou interior do Piauí; as duas únicas viagens mais longas que Felipe fez foi para São Paulo, duas visitas ao mestre Ananias.

Com essa narrativa, tudo levava a crer que Felipe acabaria por entrar no Grupo de mestre Ananias, conseguindo um mestre e legitimidade como angoleiro, uma vez que, uma das formas de aderir a linhagem é pela filiação a um grupo tradicional (BRITO, 2017). Mas apesar dessa admiração explícita, Felipe deixava claro que nunca desejou se filiar ao grupo do referido mestre, esmo sendo alvo de críticas constantes de seus ex-companheiros de grupo, diziam: “é impossível ser angoleiro sem mestre e sem um grupo”.

A não aderência ao grupo de mestre *Ananias* era conscientemente politizada por Felipe que, apesar de explicitar sua "proximidade" da Capoeira Angola pela adoção de alguns dos "fundamentos" de mestre Ananias, também marcava sua "distância" ao refutar a ordem dos instrumentos utilizados no ritual da roda de Capoeira: mestre Ananias usava 3 berimbaus, 2 pandeiros, 1 gã, 1 reco-reco e dois atabaques; já o conjunto de instrumentos adotados por Felipe não contava com nenhum atabaque e com 3 pandeiros.

Tratava-se de uma distinção, de um contraste consciente. Felipe adotava os fundamentos da linhagem que se identificava, mas ainda assim não queria se fundir a ela, dizia ele: "eu quero mesmo fazer a capoeira angolano meu jeito, uma capoeira Angola de Teresina, ué”.

Como já foi indicado acima, essa autonomia almejada por Felipe fazia dele alvo de críticas deslegitimadoras que aumentaram quando ele começou a dar aulas nos Domingos de Angola. No universo da Capoeira, alguém está apto a ministrar aulas quando autoironia por seu mestre, para isso logicamente é necessário ter um mestre, o que faltava ao Felipe.

Diziam de Felipe: “lá vai o angoleiro sem mestre” ou “o angoleiro de internet”, o valor genealógico do sistema de linhagem parece ter vigorado aqui. Mas Felipe, mesmo consciente disso, não abria mão de sua autonomia.

Felipe, gerenciava estas críticas buscando anula a ausência de mestre e de grupo participando das rodas perigosas e suportando as agressões de seus opositores. Nesse registro, a legitimação buscada por Felipe também obedecia um regime da Capoeira Regional, mesmo por que não havia nenhum grupo de angola até então na cidade, de modo que ele deveria estar inserido em ambos os regimes: assumindo fundamentos da Capoeira angola, ao mesmo tempo em que aderira a alguns fundamentos da Capoeira Regional, neste caso, o fundamento/valor *luta* que, por sua vez, na lógica do sistema de linhagem (aproximação - distanciamento) aproximava Felipe dos regionaleiros, mesmo que seja uma aproximação efetivada pelo conflito físico.

Através dessa estratégia, Felipe foi adquirindo legitimidade entre os Regionaleiros da cidade, reconhecimento perceptível com o número deles que passavam a participar dos encontros do Domingo de Angola, no Parque da Cidade. Alguns deles, compareciam para continuar o “teste” segundo o fundamento *luta*, outros apenas para partilhar o momento e prestigiar o movimento inaugurado por Felipe.

Além destes capoeiristas regionais, pessoas iniciavam a capoeira no Domingos de Angola, Com o passar do tempo, angoleiros se instalaram na cidade e passaram a visitar o coletivo Domingos de Angola. Membros do Grupo Zimba e do Grupo Guariba encontravam naquele espaço um ambiente de interação segundo os fundamentos da Capoeira Angola: uma bateria ritmada de acordo com a capoeira angola, jogos controlados por Felipe. Ou seja, Felipe buscava agradar a todos os seus visitantes, jogando com todos segundo os fundamentos dos visitantes, sem perder de vista que se tratava de um grupo liderado por ele.

Os angoleiros passaram a reconhecer a importância do Domingos de Angola, convidando Felipe aos seus trenos e rodas. Felipe, por sua, vez comparecia aos eventos e trinos dos grupos Zimba e Guariba obedecendo seus

fundamentos e intervindo com angoleiros, o que durante muito tempo lhe falta na cidade.

O rigor com a musicalidade, característico dos angoleiros era mantido por Felipe, como atesta a fala de Mariana⁸, angoleira do Núcleo Zimba-Teresina (que frequentava os treinos e rodas de Felipe):

... um capoeirista da Regional pegou o berimbau e tentou modificar os toques que o Felipe usava e o Felipe parou a roda e falou que ali era o seu espaço e quem quisesse ficar ali deveria respeitar o que se fazia ali. Depois disso, o cara tentou pegar o Felipe durante um jogo e Felipe, ao invés de parar o jogo e dizer: "isso também não se aceita aqui", jogou de igual para igual com o cara... o cara teve que obedecer e ainda sair respeitando o Felipe nos seus próprios termos.

Mesmo com fundamentos diferentes, ambos os grupos reconhecem a importância de Felipe como angoleiro, Felipe para a treinar com o Grupo Zimba e os membros do grupo Zimba também passam a frequentar o Domingos de Angola com certa frequência, apesar de distinções de fundamentos. Ou seja, consciente dos distanciamentos, havia o reconhecimento de que ambos eram angoleiros. O Grupo Guaribas⁷ reconhece Felipe como angoleiro de uma forma ainda mais enfática: Felipe é convidado a dar aulas na sede do grupo em Teresina.

Domingos de Angola: Capoeira Angola no Parque da cidade

As atividades promovidas por Felipe ocorriam no Parque da Cidade, durante os domingos, razão pela qual o coletivo foi chamado de *Domingos de Angola*. Os encontros começavam geralmente às 09:00hs e se estendiam durante todo dia, por vezes se alongando até as 18:00 ou 19:00hs. De tempos em tempos, os integrantes do grupo paravam para descansar e fazer suas refeições. Muitas das vezes, Felipe partilhava seu almoço (que levava em uma

⁷ Tanto o Grupo Zimba quanto o Grupo Guariba são formados majoritariamente por universitários, dentre eles uma pequena mas considerável (devido à excepcionalidade) de pessoas de classe média.

marmita) com quem quer que lá estava. A maioria dos capoeiristas do *Domingos de Angola* era formada por crianças e jovens carentes de bairros adjacentes ao Parque da Cidade, entre eles, podemos citar as comunidades da Primavera, Vila Risoleta Neves, Água Mineral e Real Copagre.

As atividades iniciavam quase sempre com aulas de música onde quem estava presente observava e seguia atentamente as instruções acerca dos toques dos instrumentos e a disposição dos mesmos na composição da bateria. Em seguida, iniciava o treino físico, com séries de exercícios e movimentos corporais da Capoeira Angola: movimentos baixos, com o corpo relaxado e executado com lentidão. Ao final dessa movimentação sempre acontecia uma roda de Capoeira onde todos os participantes *angoleiros* alunos de Felipe, do Grupo Zimba e do Grupo Guaribas, *regionaleiros* de diferentes grupos da cidade eram convidados a interagir.

Essa dinâmica se repetia com intervalos de 20 minutos, durante todo o dia: música, treino e roda... música, treino e roda...

Uma das características fundamentais do coletivo Domingos de Angola é o uso de espaços públicos. Anexamos a essa característica central a gratuidade e autonomia do trabalho. Importante ressaltar que outros grupos também realizam atividades em espaços públicos da cidade, mas tratam-se ou de extensão esporádica de atividades que ocorrem em espaços privados (como academias ou escolas) ou projetos sociais financiados pelo governo estadual ou municipal.

Felipe utilizava o coreto a princípio, mas já haviam grupos fazendo uso do local, de modo que mudou-se para um pequeno espaço coberto e cimentado, situado ao lado de duas salas designadas para servidores do mesmo (ou seja, os vigias que a Secretaria de Esportes e Lazer / SEMEL) mantém no estabelecimento. O Local era mal cuidado, usado como banheiro e como lixo pelos frequentadores do Parque. Nesse sentido, a SEMEL nunca se posicionou frente ao movimento *Domingos de Angola*.

Nosso interlocutor se mostrava bastante receoso com relação a esse tipo de intervenção, pensava que seu movimento poderia se descaracterizar ao ser apropriado politicamente, sobretudo, como propaganda política. Portanto, Felipe tinha bastante cuidado e procurava manter certa distância com relação a pessoas que visitavam os treinos de *Domingos de Angola* com o intuito de contribuir sem ser participante capoeirista. O receio por parte dos capoeiristas é grande, a capoeira sempre foi mal vista a cidade e, com exceção da institucionalização do "dia da Capoeira" (dia 07 de janeiro, lei municipal criada em 2017), não há nenhuma política pública voltada ao seguimento.

O mesmo descaso para com a Capoeira e sentido para com o próprio parque, pois a única manutenção realizada pela prefeitura durante os últimos 9 anos foi a pintura das quadras e das paredes dos espaços cobertos, como nos relatou um dos vigias: *foi apenas uma maquiagem no parque, os problemas ainda estão aí*. Com exceção desta maquiagem, houve uma ajuda diretamente relacionada ao movimento Domingo de Angola. Uma parceria entre a prefeitura e a Unimed visava promover melhorias no Parque, Felipe manter cheio a tal parceria, mas um dos vigias do Parque articulou com os organizadores das melhorias, contando-lhe sobre o Felipe e seu trabalho. Desta forma, o espaço do Domingos de Angola passou a ter lajotas.

O apoio recebido por Felipe foi, desta maneira, indireto, pela via dos vigias que viam em seu trabalho algo importante. Apesar da ausência de qualquer política educacional, os funcionários passam a auxiliar Felipe na limpeza do local, disponibilizando vassouras e produtos de limpeza, água para os praticantes e até mesmo cedendo à cozinha destinada aos servidores para o preparo de alimentos para os praticantes.

Felipe dizia:

eu agradeço aos vigias, não à Unimed... graças ao apoio dos vigias a gente pode ficar aqui o dia todo, um pouco mais confortável... a ideia é ficar no Parque o máximo de tempo possível, treinando, brincando, jogando, cantando, a Capoeira Angola como era a praticada no passado, sem escolas, sem

uniformes, sem besteiras modernas, apenas a Capoeira Angola como os antigos mestres praticavam. Isso é um fundamento que tem que ser resgatado.

A ocupação do parque posta em prática por Felipe, facilitada pelo companheirismo nos vigias, encontra respaldo também na interpretação de alguns de seus seguidores capoeiristas.

Para angoleiras como a Mariana e Raquel, a cidade de Teresina não está preparada para o uso do espaço público e iniciativas como as do Felipe contribuem para a mudança desta realidade. Soma-se a estas concepções as opiniões de outros angoleiros com de Alberto e Gilson:

aulas de graça que unem pessoas da periferia com essas da universidade e do centro da cidade, crianças e adultos, homens e mulheres só poderia ser em espaço público, a capoeira é do povo e se não fossem iniciativas como as do Felipe, daqui a pouco a Capoeira só seria aprendida por quem pode pagar.

Podemos dizer que o Domingos de Angola é uma atribuição de sentidos à experiência urbana (AGIER, 2015) ou mesmo um conjunto de práticas sociais que reivindica um "direito à cidade".

Eventos aglutinadores

O que segue é uma descrição acontecimentos agregadores após dois eventos desagregadores: a união após a morte

Assassinato de uma criança no Parque da Cidade

Um jovem de 13 anos de idade foi morto no local onde o Domingos de Angola ocorria, no Parque da cidade. O garoto era um dos meninos que

frequentavam o parque desde há muito tempo, passando ora u outra pelas aulas de Felipe.

O impacto desse acontecimento foi tão grande que Felipe decidiu suspender os treinos por tempo indeterminado, uma vez que o local já não apresentava mais as condições mínimas de segurança para que os angoleiros pudessem realizar suas atividades.

Os capoeiristas que se encontravam no local iniciaram uma campanha em suas redes sociais, elaborando uma carta/cantiga com o intuito de chamar do atua prefeito pedindo atenção ao Parque da Cidade. Chegaram a pensar num manifesto mais contundente, uma passeata ou uma roda aberta no próprio local, mas a ação acabou não sendo efetivada uma vez que Felipe já apresentava indícios de debilidade devido à doença que o acometia.

Participaram de tal campanha com ele capoeiras do Domingos de Angola, do Grupo Zimba, do Grupo Guaribas e de muitos grupos de Capoeira Regional da cidade. Vimos tal manifestação com um apelo ao poder público, uma tentativa de alertar para a violência urbana e a precariedade de equipamentos de lazer da cidade como os Parques, mas nada foi feito, nem ao menos uma resposta ao movimento.

Velório de Felipe

Um evento importante onde podemos ver esse potencial de fusão, foi o velório de Felipe Esdras.

O velório de Felipe foi realizado em frente ao Memorial Esperança Garcia localizado na Avenida Miguel Rosa, região centro-sul da cidade de Teresina e na ocasião estava acontecendo o encontro anual do Cordão de Ouro (Grupo de Capoeira Regional). O espaço do velório estava repleto de capoeiristas, haviam berimbaus pelas paredes e capoeiristas de muitas regiões do Piauí, do Ceará e do Maranhão.

Pudemos identificar que ali estavam capoeiristas de todas as vertentes citadas nesse trabalho, à maioria deles trajavam uniformes de treino (angoleiros e regionais), algumas de terno e gravata outras de bermuda e chinelo, haviam velha e crianças, todas cantando lamentos e ladainhas de Capoeira. Oscar seu primeiro mestre estava tão consternado que parecia “sedado” por medicação e não conseguiu sequer discursar. Outros mestres e capoeiristas falaram rapidamente sobre a trajetória do falecido enaltecendo seu potencial articulador.

As falas desses sujeitos foram intercaladas entre um jogo de Capoeira e outro.

A roda em questão reuniu como já foi dito capoeiristas das três vertentes presentes na cidade (inclusive os de seu grupo) e os jogos apresentavam característica similar aquelas desenvolvida por Felipe no Parque da Cidade. Em outras palavras, o toque dos berimbaus (Gunga, Médio e Viola) representava exatamente a Capoeira Angola que Felipe desenvolvia, no entanto, não foi utilizado os outros instrumentos. Durante os jogos, foi possível identificar regionais, angoleiros, homens, mulheres e crianças que sempre estiveram presentes nas aulas do Parque da Cidade. O evento em questão nos revelou como grupos de tradições diferentes podem ocupar o mesmo espaço para a prática da Capoeira dependendo das circunstâncias sociais da interação entre os grupos.

Ou seja, isso significa dizer que o trabalho desenvolvido por Felipe em sua rápida passagem por aqui foi algo tão relevante que marcou decisivamente o universo capoeirístico da cidade de Teresina, uma vez que ele plantou uma semente e a árvore que descende dela não para de dar frutos mesmo após a sua partida. Ainda que não esteja mais entre os capoeiristas da cidade, as suas ideias seguem presentes como aconteceu na roda em sua homenagem, muitos capoeiristas deixando suas diferenças de lado em prol de um bem muito maior, a *Capoeira*.

Para finalizar a roda em homenagem ao Felipe, um dos mestres teresinenses, finalmente demonstrou o reconhecimento, atestando a

legitimidade de seu trabalho, mesmo sem um pertencimento formal e um mestre na Capoeira Angola dizendo: *Felipe foi um grande Capoeiristas... fi um autodidata da capoeira Angola!*

\

Resultados e Conclusões

A Presente pesquisa ainda se encontra em realização e provavelmente seguirá novos rumos considerando os acontecimentos retratados, mas a título de conclusões preliminares, consideremos o que segue.

Vimos que a Capoeira é organizada por uma lógica que estabelece distanciamentos e aproximações ou fusões e fissões de acordo com as identidades formuladas, por sua vez, mediante sinais diacríticos que criam contraste entre regionais e angoleiros, e mesmo entre distintos grupos no interior de cada uma estas vertentes. A identidade do coletivo Domingos de Angola parece ser formada a partir de uma espécie de *bricolage* dos sinais diacríticos estabelecidos por outros grupos já consolidados, caracterizando-se como uma nova tradição, uma indenidade nova no universo da Capoeira, uma Capoeira Angola Teresinense.

Vimos nesta nova tradição que as fronteiras são fluidas e permeáveis o que permite arranjos inesperados e pouco legíveis segundo um esquema segmentar reversível e piramidal como o "sistema de linhagem". Vimos também que além da fusão de grupos advindos de tradições diferentes, mediante um bricolage de "fundamentos" oriundos do universo da Capoeira, O Coletivo Domingos de Angola parece ter criado um novo "fundamento/valor" de sua identidade: a *ocupação de espaço público*. Esta atividade é lida segundo referências históricas da Capoeira Angola e .segundo esta leitura, a ocupação de espaços públicos para a prática da Capoeira Angola é um valor tradicional

esquecido pela maioria dos grupos contemporâneos, seja de Angola ou de Regional.

Tal fundamento encontrou respaldo na concepção de diferentes sujeitos envolvidos com o coletivo. Sujeitos oriundos de distintas classes, faixas etárias e regiões da cidade interpretam este fundamento de modo pragmático e político, apontando para ausência de atenção do poder público em relação a segurança e qualidade dos equipamentos de lazer da cidade de Teresina.

Portanto, o Movimento Domingo de Angola promove uma fusão para além do universo capoeirístico, aproximando elementos de mundos bem distanciados: pobres e ricos, velhos e novos, tradicional e moderno, passado e presente, centro e periferia, lazer e política. Elementos que de outro modo não partilhariam o mesmo espaço (nem físico nem simbólico).

Referências bibliográficas

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer cidade. *Mana* vol. 21 nº3. Rio de Janeiro, 2015.

BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra capa, 2000.

BRITO, Celso de. *A Roda do Mundo: a Capoeira Angola em tempos de globalização*. Curitiba: Appris, 2017.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuers*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GOLDMAN, Márcio. Segmentaridades e movimentos negros nas eleições de Ilhéus. *Mana*: Rio de Janeiro, 2001.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do pacífico ocidental*. Abril cultural. São Paulo, 1976;

NASCIMENTO, Ricardo; MONTEIRO, Igor. Capoeira, cidade e cultura: notas etnográficas sobre ocupações criativas em Fortaleza-CE. *O público e o privado* nº 29: Fortaleza, 2017.